



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha — Lisboa — Telefone 103
Officinas de impressão — Rua da Alameda, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Como surge a luta de classes

As tendências da organização operária para o corporativismo e para a colaboração de classes

Do livro A concepção anarquista do sindicalismo, da autoria do nosso distinto colaborador Nemo Vasco, livro que, editado pela secção editorial de A Batalha, aparecerá brevemente, erramos para este lugar, do capítulo O automatismo sindical, um trecho que ataca um assunto de que este jornal se ocupou há dias, a propósito da atitude do pessoal das Companhias do Gás e da Água, e onde aquele nosso amigo produz considerações muito judiciosas acerca da mal orientação que, por vezes, algumas corporações revelam:

A luta de classe não surge automaticamente, desde que se agrupam salarizados para defesa dos seus interesses imediatos, económicos e profissionais. A luta de classe é a luta pelos interesses gerais do proletariado, ou pelos interesses corporativos que não contrariam aqueles; e, para ser revolucionária, deve visar à abolição das classes. E, infelizmente, não é só o parlamentarismo, o pseudo-socialismo parlamentar, que conduz à colaboração de classes e à negação da luta de classe: o corporativismo, sem a acção consciente dos revolucionários, a cada passo aí vai ter.

E' que entre os trabalhadores, tomados individualmente, e entre as corporações de ofício ou categorias, há amadurecidos conflitos e rivalidades de interesse, como, por exemplo, quando uma corporação reclama a construção de couraçados ou de arsenais (caso sucedido em Itália), ou quando outra pede uma taxa aduaneira protectora, nociva para o povo em geral ou para outras categorias de operários.

A cada passo vemos corporações operárias, nas suas lutas e reclamações, ignorarem que o trabalhador é no mesmo tempo consumidor e põem-se em violento conflito de interesses com o público.

Vemo-las confundirem os legítimos interesses do serviço com os interesses parasitários da empresa, tomarem a peito a defesa dos segundos perante o público, provocarem com este mil atritos e criarem assim uma atmosfera de antipatia e hostilidade, que a das próprias prejudiciais nas suas reivindicações e fere a solidariedade entre os trabalhadores.

Em vez de procurarem impedir que o patronato recupere do público — isto é, da massa trabalhadora — a parte do seu lucro que lhe de ceder, em vez de incluí-lo na lista das suas reclamações e entre as condições de regresso ao trabalho, ou de pelo menos mostrarem ao público a possibilidade que tem o patronato de ceder às reclamações do seu pessoal salarizado sem novos encargos para o consumidor, vemos amidas corporações organizadas praticarem o cúmulo de pedir ao ministério, ao parlamento, ao município uma elevação de tarifas, de passagens ou de preços de renda, para que a empresa possa aumentar-lhes o salário! Não vimos nós até a infâmia de para isso fim se reclamar o aumento do preço da água? — Já da água não, pelo contrário, deveria ser distribuída gratuitamente a domicílio! Não temos nós visto greves e corporações operárias ajudadas pelo patronato para obter, a pretexto duma irrisória melhoria de salário, um forte desenvolvimento de proventos?

E não é das tarefas mais fáceis convencer essas corporações de que, procedendo assim, praticam actos de traição declarada à classe operária, actos de amarelos rotundos.

Não é fácil fazer-lhes compreender o que deve ser a ideia, norteadora da acção de classe: que a propriedade do serviço e do seu material pertence legitimamente à comunidade. Que a empresa, o patrão é o intruso, o contra-éle e o seu lucro deve reverter a acção conjunta e solidária do produtor e do consumidor. Que a própria corporação operária, devendo ser a primeira competência para a organização interna do seu trabalho e devendo tender a eliminar o anarquismo, o parasita, o alheio ao serviço, não é senão depositária desse serviço, não tem senão uma delegação de função, dada pela colectividade. Que é com os legítimos interesses desta que se deve procurar harmonizar o interesse legítimo de cada categoria produtora.

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

— A Opinião... Comprei-a ontem, para amenizar o aborrecimento que a demora da sopa me ia cansando. E veio a acontecer ir já eu em meio do artigo de fundo quando a sopa chegou, tam deslavadinha e aguada, benzesse-a Deus, que até parecia a segunda metade daquele mesmo artigo de fundo cuja leitura iniciara. Por virtude desta leitura vim contido a saber que tendo ido o chefe do governo almoçar às Lezírias, lá logrou grangear, como bom Granjo, «a simpatia e o apoio valiosíssimo dos mais altos representantes da Agricultura Portuguesa», o que para a população representa o início dum largo período de fartura e regalo, segundo se subentende «dos dizeres do jornal aludido. Foi sempre opinião minha que a sopa de nabifas fica muito melhor feita com azeite do que cozida em água apenas, mas isso não me impede de confiar na alta sapiência governativa do sr. Granjo, e nos resultados dos entendimentos dele com a lavoura. O mestre da cozinha explicou-me que não tinha a casa conseguido obter azeite, mas havia lá uns carapaus fritos de ocasião, porque, graças a Deus, ainda algum sebo aparecia à venda. De facto, e pois que, como anuncia A Opinião, se começou finalmente a fazer política agrícola, com almoços nas Lezírias e tudo, estando com o governo a Associação Nacional de Agricultura, força das mais vivas que na nação existem, forçoso é acreditar que uma época de ripanso octaviano começou, suposição que exuberantemente achei confirmada quando me advertiram de não haver nem pão nem outro remédio além do de ir comendo os carapaus sózinhos. E' claro que Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas certo estou eu do rápido reabastecimento do país, a tantas provações submetido, visto que outro cantar mais alto se levanta no preciso momento em que Portugal se encontrava prestes a sossegar, coisas estas tão certas e verificadas como ter-me eu recusado a tomar o café amargo, por não haver açúcar, que para o fim do jantar me ofereceram... Uma verdadeira revelação, o sr. Granjo, assim elevado à superior categoria de estadista eminente, quem sabe se por efeito do famoso almoço das Lezírias. Quem sabe... E porque não há de os outros políticos, principalmente os de clientela ainda reduzida e nome por fazer, ir para as Lezírias também, a ver se a bossa governativa se lhes desenvolve daquela inopinada maneira?...

— A Opinião... Comprei-a ontem, para amenizar o aborrecimento que a demora da sopa me ia cansando. E veio a acontecer ir já eu em meio do artigo de fundo quando a sopa chegou, tam deslavadinha e aguada, benzesse-a Deus, que até parecia a segunda metade daquele mesmo artigo de fundo cuja leitura iniciara. Por virtude desta leitura vim contido a saber que tendo ido o chefe do governo almoçar às Lezírias, lá logrou grangear, como bom Granjo, «a simpatia e o apoio valiosíssimo dos mais altos representantes da Agricultura Portuguesa», o que para a população representa o início dum largo período de fartura e regalo, segundo se subentende «dos dizeres do jornal aludido. Foi sempre opinião minha que a sopa de nabifas fica muito melhor feita com azeite do que cozida em água apenas, mas isso não me impede de confiar na alta sapiência governativa do sr. Granjo, e nos resultados dos entendimentos dele com a lavoura. O mestre da cozinha explicou-me que não tinha a casa conseguido obter azeite, mas havia lá uns carapaus fritos de ocasião, porque, graças a Deus, ainda algum sebo aparecia à venda. De facto, e pois que, como anuncia A Opinião, se começou finalmente a fazer política agrícola, com almoços nas Lezírias e tudo, estando com o governo a Associação Nacional de Agricultura, força das mais vivas que na nação existem, forçoso é acreditar que uma época de ripanso octaviano começou, suposição que exuberantemente achei confirmada quando me advertiram de não haver nem pão nem outro remédio além do de ir comendo os carapaus sózinhos. E' claro que Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas certo estou eu do rápido reabastecimento do país, a tantas provações submetido, visto que outro cantar mais alto se levanta no preciso momento em que Portugal se encontrava prestes a sossegar, coisas estas tão certas e verificadas como ter-me eu recusado a tomar o café amargo, por não haver açúcar, que para o fim do jantar me ofereceram... Uma verdadeira revelação, o sr. Granjo, assim elevado à superior categoria de estadista eminente, quem sabe se por efeito do famoso almoço das Lezírias. Quem sabe... E porque não há de os outros políticos, principalmente os de clientela ainda reduzida e nome por fazer, ir para as Lezírias também, a ver se a bossa governativa se lhes desenvolve daquela inopinada maneira?...

— A Opinião... Comprei-a ontem, para amenizar o aborrecimento que a demora da sopa me ia cansando. E veio a acontecer ir já eu em meio do artigo de fundo quando a sopa chegou, tam deslavadinha e aguada, benzesse-a Deus, que até parecia a segunda metade daquele mesmo artigo de fundo cuja leitura iniciara. Por virtude desta leitura vim contido a saber que tendo ido o chefe do governo almoçar às Lezírias, lá logrou grangear, como bom Granjo, «a simpatia e o apoio valiosíssimo dos mais altos representantes da Agricultura Portuguesa», o que para a população representa o início dum largo período de fartura e regalo, segundo se subentende «dos dizeres do jornal aludido. Foi sempre opinião minha que a sopa de nabifas fica muito melhor feita com azeite do que cozida em água apenas, mas isso não me impede de confiar na alta sapiência governativa do sr. Granjo, e nos resultados dos entendimentos dele com a lavoura. O mestre da cozinha explicou-me que não tinha a casa conseguido obter azeite, mas havia lá uns carapaus fritos de ocasião, porque, graças a Deus, ainda algum sebo aparecia à venda. De facto, e pois que, como anuncia A Opinião, se começou finalmente a fazer política agrícola, com almoços nas Lezírias e tudo, estando com o governo a Associação Nacional de Agricultura, força das mais vivas que na nação existem, forçoso é acreditar que uma época de ripanso octaviano começou, suposição que exuberantemente achei confirmada quando me advertiram de não haver nem pão nem outro remédio além do de ir comendo os carapaus sózinhos. E' claro que Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas certo estou eu do rápido reabastecimento do país, a tantas provações submetido, visto que outro cantar mais alto se levanta no preciso momento em que Portugal se encontrava prestes a sossegar, coisas estas tão certas e verificadas como ter-me eu recusado a tomar o café amargo, por não haver açúcar, que para o fim do jantar me ofereceram... Uma verdadeira revelação, o sr. Granjo, assim elevado à superior categoria de estadista eminente, quem sabe se por efeito do famoso almoço das Lezírias. Quem sabe... E porque não há de os outros políticos, principalmente os de clientela ainda reduzida e nome por fazer, ir para as Lezírias também, a ver se a bossa governativa se lhes desenvolve daquela inopinada maneira?...

— A Opinião... Comprei-a ontem, para amenizar o aborrecimento que a demora da sopa me ia cansando. E veio a acontecer ir já eu em meio do artigo de fundo quando a sopa chegou, tam deslavadinha e aguada, benzesse-a Deus, que até parecia a segunda metade daquele mesmo artigo de fundo cuja leitura iniciara. Por virtude desta leitura vim contido a saber que tendo ido o chefe do governo almoçar às Lezírias, lá logrou grangear, como bom Granjo, «a simpatia e o apoio valiosíssimo dos mais altos representantes da Agricultura Portuguesa», o que para a população representa o início dum largo período de fartura e regalo, segundo se subentende «dos dizeres do jornal aludido. Foi sempre opinião minha que a sopa de nabifas fica muito melhor feita com azeite do que cozida em água apenas, mas isso não me impede de confiar na alta sapiência governativa do sr. Granjo, e nos resultados dos entendimentos dele com a lavoura. O mestre da cozinha explicou-me que não tinha a casa conseguido obter azeite, mas havia lá uns carapaus fritos de ocasião, porque, graças a Deus, ainda algum sebo aparecia à venda. De facto, e pois que, como anuncia A Opinião, se começou finalmente a fazer política agrícola, com almoços nas Lezírias e tudo, estando com o governo a Associação Nacional de Agricultura, força das mais vivas que na nação existem, forçoso é acreditar que uma época de ripanso octaviano começou, suposição que exuberantemente achei confirmada quando me advertiram de não haver nem pão nem outro remédio além do de ir comendo os carapaus sózinhos. E' claro que Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas certo estou eu do rápido reabastecimento do país, a tantas provações submetido, visto que outro cantar mais alto se levanta no preciso momento em que Portugal se encontrava prestes a sossegar, coisas estas tão certas e verificadas como ter-me eu recusado a tomar o café amargo, por não haver açúcar, que para o fim do jantar me ofereceram... Uma verdadeira revelação, o sr. Granjo, assim elevado à superior categoria de estadista eminente, quem sabe se por efeito do famoso almoço das Lezírias. Quem sabe... E porque não há de os outros políticos, principalmente os de clientela ainda reduzida e nome por fazer, ir para as Lezírias também, a ver se a bossa governativa se lhes desenvolve daquela inopinada maneira?...

— A Opinião... Comprei-a ontem, para amenizar o aborrecimento que a demora da sopa me ia cansando. E veio a acontecer ir já eu em meio do artigo de fundo quando a sopa chegou, tam deslavadinha e aguada, benzesse-a Deus, que até parecia a segunda metade daquele mesmo artigo de fundo cuja leitura iniciara. Por virtude desta leitura vim contido a saber que tendo ido o chefe do governo almoçar às Lezírias, lá logrou grangear, como bom Granjo, «a simpatia e o apoio valiosíssimo dos mais altos representantes da Agricultura Portuguesa», o que para a população representa o início dum largo período de fartura e regalo, segundo se subentende «dos dizeres do jornal aludido. Foi sempre opinião minha que a sopa de nabifas fica muito melhor feita com azeite do que cozida em água apenas, mas isso não me impede de confiar na alta sapiência governativa do sr. Granjo, e nos resultados dos entendimentos dele com a lavoura. O mestre da cozinha explicou-me que não tinha a casa conseguido obter azeite, mas havia lá uns carapaus fritos de ocasião, porque, graças a Deus, ainda algum sebo aparecia à venda. De facto, e pois que, como anuncia A Opinião, se começou finalmente a fazer política agrícola, com almoços nas Lezírias e tudo, estando com o governo a Associação Nacional de Agricultura, força das mais vivas que na nação existem, forçoso é acreditar que uma época de ripanso octaviano começou, suposição que exuberantemente achei confirmada quando me advertiram de não haver nem pão nem outro remédio além do de ir comendo os carapaus sózinhos. E' claro que Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas certo estou eu do rápido reabastecimento do país, a tantas provações submetido, visto que outro cantar mais alto se levanta no preciso momento em que Portugal se encontrava prestes a sossegar, coisas estas tão certas e verificadas como ter-me eu recusado a tomar o café amargo, por não haver açúcar, que para o fim do jantar me ofereceram... Uma verdadeira revelação, o sr. Granjo, assim elevado à superior categoria de estadista eminente, quem sabe se por efeito do famoso almoço das Lezírias. Quem sabe... E porque não há de os outros políticos, principalmente os de clientela ainda reduzida e nome por fazer, ir para as Lezírias também, a ver se a bossa governativa se lhes desenvolve daquela inopinada maneira?...

— A Opinião... Comprei-a ontem, para amenizar o aborrecimento que a demora da sopa me ia cansando. E veio a acontecer ir já eu em meio do artigo de fundo quando a sopa chegou, tam deslavadinha e aguada, benzesse-a Deus, que até parecia a segunda metade daquele mesmo artigo de fundo cuja leitura iniciara. Por virtude desta leitura vim contido a saber que tendo ido o chefe do governo almoçar às Lezírias, lá logrou grangear, como bom Granjo, «a simpatia e o apoio valiosíssimo dos mais altos representantes da Agricultura Portuguesa», o que para a população representa o início dum largo período de fartura e regalo, segundo se subentende «dos dizeres do jornal aludido. Foi sempre opinião minha que a sopa de nabifas fica muito melhor feita com azeite do que cozida em água apenas, mas isso não me impede de confiar na alta sapiência governativa do sr. Granjo, e nos resultados dos entendimentos dele com a lavoura. O mestre da cozinha explicou-me que não tinha a casa conseguido obter azeite, mas havia lá uns carapaus fritos de ocasião, porque, graças a Deus, ainda algum sebo aparecia à venda. De facto, e pois que, como anuncia A Opinião, se começou finalmente a fazer política agrícola, com almoços nas Lezírias e tudo, estando com o governo a Associação Nacional de Agricultura, força das mais vivas que na nação existem, forçoso é acreditar que uma época de ripanso octaviano começou, suposição que exuberantemente achei confirmada quando me advertiram de não haver nem pão nem outro remédio além do de ir comendo os carapaus sózinhos. E' claro que Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas certo estou eu do rápido reabastecimento do país, a tantas provações submetido, visto que outro cantar mais alto se levanta no preciso momento em que Portugal se encontrava prestes a sossegar, coisas estas tão certas e verificadas como ter-me eu recusado a tomar o café amargo, por não haver açúcar, que para o fim do jantar me ofereceram... Uma verdadeira revelação, o sr. Granjo, assim elevado à superior categoria de estadista eminente, quem sabe se por efeito do famoso almoço das Lezírias. Quem sabe... E porque não há de os outros políticos, principalmente os de clientela ainda reduzida e nome por fazer, ir para as Lezírias também, a ver se a bossa governativa se lhes desenvolve daquela inopinada maneira?...

— A Opinião... Comprei-a ontem, para amenizar o aborrecimento que a demora da sopa me ia cansando. E veio a acontecer ir já eu em meio do artigo de fundo quando a sopa chegou, tam deslavadinha e aguada, benzesse-a Deus, que até parecia a segunda metade daquele mesmo artigo de fundo cuja leitura iniciara. Por virtude desta leitura vim contido a saber que tendo ido o chefe do governo almoçar às Lezírias, lá logrou grangear, como bom Granjo, «a simpatia e o apoio valiosíssimo dos mais altos representantes da Agricultura Portuguesa», o que para a população representa o início dum largo período de fartura e regalo, segundo se subentende «dos dizeres do jornal aludido. Foi sempre opinião minha que a sopa de nabifas fica muito melhor feita com azeite do que cozida em água apenas, mas isso não me impede de confiar na alta sapiência governativa do sr. Granjo, e nos resultados dos entendimentos dele com a lavoura. O mestre da cozinha explicou-me que não tinha a casa conseguido obter azeite, mas havia lá uns carapaus fritos de ocasião, porque, graças a Deus, ainda algum sebo aparecia à venda. De facto, e pois que, como anuncia A Opinião, se começou finalmente a fazer política agrícola, com almoços nas Lezírias e tudo, estando com o governo a Associação Nacional de Agricultura, força das mais vivas que na nação existem, forçoso é acreditar que uma época de ripanso octaviano começou, suposição que exuberantemente achei confirmada quando me advertiram de não haver nem pão nem outro remédio além do de ir comendo os carapaus sózinhos. E' claro que Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas certo estou eu do rápido reabastecimento do país, a tantas provações submetido, visto que outro cantar mais alto se levanta no preciso momento em que Portugal se encontrava prestes a sossegar, coisas estas tão certas e verificadas como ter-me eu recusado a tomar o café amargo, por não haver açúcar, que para o fim do jantar me ofereceram... Uma verdadeira revelação, o sr. Granjo, assim elevado à superior categoria de estadista eminente, quem sabe se por efeito do famoso almoço das Lezírias. Quem sabe... E porque não há de os outros políticos, principalmente os de clientela ainda reduzida e nome por fazer, ir para as Lezírias também, a ver se a bossa governativa se lhes desenvolve daquela inopinada maneira?...

— A Opinião... Comprei-a ontem, para amenizar o aborrecimento que a demora da sopa me ia cansando. E veio a acontecer ir já eu em meio do artigo de fundo quando a sopa chegou, tam deslavadinha e aguada, benzesse-a Deus, que até parecia a segunda metade daquele mesmo artigo de fundo cuja leitura iniciara. Por virtude desta leitura vim contido a saber que tendo ido o chefe do governo almoçar às Lezírias, lá logrou grangear, como bom Granjo, «a simpatia e o apoio valiosíssimo dos mais altos representantes da Agricultura Portuguesa», o que para a população representa o início dum largo período de fartura e regalo, segundo se subentende «dos dizeres do jornal aludido. Foi sempre opinião minha que a sopa de nabifas fica muito melhor feita com azeite do que cozida em água apenas, mas isso não me impede de confiar na alta sapiência governativa do sr. Granjo, e nos resultados dos entendimentos dele com a lavoura. O mestre da cozinha explicou-me que não tinha a casa conseguido obter azeite, mas havia lá uns carapaus fritos de ocasião, porque, graças a Deus, ainda algum sebo aparecia à venda. De facto, e pois que, como anuncia A Opinião, se começou finalmente a fazer política agrícola, com almoços nas Lezírias e tudo, estando com o governo a Associação Nacional de Agricultura, força das mais vivas que na nação existem, forçoso é acreditar que uma época de ripanso octaviano começou, suposição que exuberantemente achei confirmada quando me advertiram de não haver nem pão nem outro remédio além do de ir comendo os carapaus sózinhos. E' claro que Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas certo estou eu do rápido reabastecimento do país, a tantas provações submetido, visto que outro cantar mais alto se levanta no preciso momento em que Portugal se encontrava prestes a sossegar, coisas estas tão certas e verificadas como ter-me eu recusado a tomar o café amargo, por não haver açúcar, que para o fim do jantar me ofereceram... Uma verdadeira revelação, o sr. Granjo, assim elevado à superior categoria de estadista eminente, quem sabe se por efeito do famoso almoço das Lezírias. Quem sabe... E porque não há de os outros políticos, principalmente os de clientela ainda reduzida e nome por fazer, ir para as Lezírias também, a ver se a bossa governativa se lhes desenvolve daquela inopinada maneira?...

— A Opinião... Comprei-a ontem, para amenizar o aborrecimento que a demora da sopa me ia cansando. E veio a acontecer ir já eu em meio do artigo de fundo quando a sopa chegou, tam deslavadinha e aguada, benzesse-a Deus, que até parecia a segunda metade daquele mesmo artigo de fundo cuja leitura iniciara. Por virtude desta leitura vim contido a saber que tendo ido o chefe do governo almoçar às Lezírias, lá logrou grangear, como bom Granjo, «a simpatia e o apoio valiosíssimo dos mais altos representantes da Agricultura Portuguesa», o que para a população representa o início dum largo período de fartura e regalo, segundo se subentende «dos dizeres do jornal aludido. Foi sempre opinião minha que a sopa de nabifas fica muito melhor feita com azeite do que cozida em água apenas, mas isso não me impede de confiar na alta sapiência governativa do sr. Granjo, e nos resultados dos entendimentos dele com a lavoura. O mestre da cozinha explicou-me que não tinha a casa conseguido obter azeite, mas havia lá uns carapaus fritos de ocasião, porque, graças a Deus, ainda algum sebo aparecia à venda. De facto, e pois que, como anuncia A Opinião, se começou finalmente a fazer política agrícola, com almoços nas Lezírias e tudo, estando com o governo a Associação Nacional de Agricultura, força das mais vivas que na nação existem, forçoso é acreditar que uma época de ripanso octaviano começou, suposição que exuberantemente achei confirmada quando me advertiram de não haver nem pão nem outro remédio além do de ir comendo os carapaus sózinhos. E' claro que Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas certo estou eu do rápido reabastecimento do país, a tantas provações submetido, visto que outro cantar mais alto se levanta no preciso momento em que Portugal se encontrava prestes a sossegar, coisas estas tão certas e verificadas como ter-me eu recusado a tomar o café amargo, por não haver açúcar, que para o fim do jantar me ofereceram... Uma verdadeira revelação, o sr. Granjo, assim elevado à superior categoria de estadista eminente, quem sabe se por efeito do famoso almoço das Lezírias. Quem sabe... E porque não há de os outros políticos, principalmente os de clientela ainda reduzida e nome por fazer, ir para as Lezírias também, a ver se a bossa governativa se lhes desenvolve daquela inopinada maneira?...

— A Opinião... Comprei-a ontem, para amenizar o aborrecimento que a demora da sopa me ia cansando. E veio a acontecer ir já eu em meio do artigo de fundo quando a sopa chegou, tam deslavadinha e aguada, benzesse-a Deus, que até parecia a segunda metade daquele mesmo artigo de fundo cuja leitura iniciara. Por virtude desta leitura vim contido a saber que tendo ido o chefe do governo almoçar às Lezírias, lá logrou grangear, como bom Granjo, «a simpatia e o apoio valiosíssimo dos mais altos representantes da Agricultura Portuguesa», o que para a população representa o início dum largo período de fartura e regalo, segundo se subentende «dos dizeres do jornal aludido. Foi sempre opinião minha que a sopa de nabifas fica muito melhor feita com azeite do que cozida em água apenas, mas isso não me impede de confiar na alta sapiência governativa do sr. Granjo, e nos resultados dos entendimentos dele com a lavoura. O mestre da cozinha explicou-me que não tinha a casa conseguido obter azeite, mas havia lá uns carapaus fritos de ocasião, porque, graças a Deus, ainda algum sebo aparecia à venda. De facto, e pois que, como anuncia A Opinião, se começou finalmente a fazer política agrícola, com almoços nas Lezírias e tudo, estando com o governo a Associação Nacional de Agricultura, força das mais vivas que na nação existem, forçoso é acreditar que uma época de ripanso octaviano começou, suposição que exuberantemente achei confirmada quando me advertiram de não haver nem pão nem outro remédio além do de ir comendo os carapaus sózinhos. E' claro que Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas certo estou eu do rápido reabastecimento do país, a tantas provações submetido, visto que outro cantar mais alto se levanta no preciso momento em que Portugal se encontrava prestes a sossegar, coisas estas tão certas e verificadas como ter-me eu recusado a tomar o café amargo, por não haver açúcar, que para o fim do jantar me ofereceram... Uma verdadeira revelação, o sr. Granjo, assim elevado à superior categoria de estadista eminente, quem sabe se por efeito do famoso almoço das Lezírias. Quem sabe... E porque não há de os outros políticos, principalmente os de clientela ainda reduzida e nome por fazer, ir para as Lezírias também, a ver se a bossa governativa se lhes desenvolve daquela inopinada maneira?...

O II CONGRESSO CORTICEIRO

Nas sessões de ontem foram votadas, após animada discussão, as conclusões das duas primeiras teses, devendo ser hoje encerrados os trabalhos

O Congresso prossegue nos seus trabalhos

Pelas 11 horas reabriu o Congresso, sendo feita a chamada, à qual responderam 41 congressistas, deixando só de representar-se S. Brás de Alportel. A comissão verificadora de poderes foi acrescida de mais dois membros.

Continua a discussão dos Estatutos da Federação, tendo feito uso da palavra sobre os vários artigos os congressistas António Portela, José Ventura, Gregório Matoso, José Alexandre, etc., que apresentam algumas propostas e emendas que não são aceites.

Às 11.30 José Ventura apresenta a seguinte emenda:

«Em cada congresso será designado o local do imediato e nomear-se-á a administração da Federação, assim como também a redacção e administração de O Corticeiro».

Silvério dos Santos discorda da emenda, mas Pascoal e Pincho concordam com ela, sendo, depois de alguma discussão, aprovada por unanimidade.

Os artigos 12.º a 28.º, após longo debate em que os congressistas expõem a sua forma de ver sobre a interpretação a dar-lhes, são aprovados.

Às 12.30 José Ventura apresenta a seguinte redacção: «A Federação assenta no princípio de reconhecer uma colectividade da nossa profissão em cada terra onde se exerça a indústria corticeira».

Foi aprovado, após alguma discussão. Os restantes artigos do estatuto são todos aprovados com a seguinte disposição transitória: «Quando as necessidades dos nossos organismos demonstrarem que as receitas colhidas não cobrem as despesas, fica a Federação Nacional Corticeira autorizada a elevar as cotas conforme essas necessidades».

Terminada a discussão dos Estatutos, é encerrada a 1.ª sessão, sendo nomeada a mesa da seguinte:

2.ª Sessão

Momentos depois, é aberta a sessão, presidindo José Vilhena, secretário da Federação, Manuel Ferrão e João dos Santos.

E' lida a acta da sessão transacta, que foi aprovada.

Uma saudação a «Batalha» e um protesto

Antes da ordem dos trabalhos Francisco Pincho apresenta a seguinte moção-protesto:

«Considerando que os actuais governantes agem à luz da orientação dos seus interesses em matéria de perseguições à organização operária e ao seu órgão na imprensa A Batalha, os operários corticeiros, reunidos em congresso, resolvem:

1.º Protestar energicamente contra todas as violências governamentais e prestar toda a solidariedade ao seu órgão A Batalha.

Uma saudação à Rússia

José Alexandre de Almeida envia para a mesa a saudação do seguinte teor:

O congresso corticeiro, reunido na sede da Associação dos Fabricantes de Armas e Offícios Acessórios, em 2 de Agosto de 1920, emenda a Rússia revolucionária e a organização sindicalista de todo o mundo.

Um falso representante corticeiro

O congressista Gregório Matoso pede explicações sobre o dizer-se que em Genova se encontra um indivíduo, de nome José Barreto, intitulando-se representante da Federação Corticeira.

Silvério dos Santos lê um ofício de Itália dirigido à organização corticeira comunicando esse facto.

João Manuel Pimentel, de Portalegre, esclarece o que se passou sobre tal caso, pois o indivíduo citado é da região de Portalegre, e não de corticeiro, escreve para aquela cidade para que fosse nomeado delegado pela Associação dali em Itália. Aquella Associação assim o faz.

Silvério dos Santos lê uma carta desse mesmo indivíduo em que pretendia que a Federação o nomeasse delegado para ir a Alemanha e à Rússia.

Pimentel volta a ler mais duas cartas do mesmo indivíduo, datadas de Génova, e Silvério diz que a Federação por forma alguma pode dar delegações a criaturas estranhas.

José Alexandre de Almeida lastima que a Associação de Portalegre tivesse dado poderes a algum indivíduo para a representar no estrangeiro, tanto mais que é a Federação que compete a nomeação de delegados a qualquer parte, mas que sejam operários da indústria e da sua confiança, porque aquele senhor pretende só tratar dos seus interesses pessoais, à sombra da organização corticeira portuguesa.

Pascoal Gonçalves protesta, lembrando que a Federação ofieça aquele senhor e ao governo retirando-lhe a delegação que lhe foi dada pela Associação de Portalegre, para não abusar do nome da organização para os seus interesses.

José Ventura, Francisco Pincho e Francisco Fernandes também protestam, salientando ser preciso que se faça constar pela imprensa de todo o país que a organização corticeira não tem nenhum delegado no estrangeiro, pois se alguém existe com tal título é só com o fim de burlar não só os corticeiros mas a organização operária em geral.

João Manuel Pimentel, de Portalegre, diz que na boa fé a associação que representa deu a delegação ao tal José Barreto, reconhecendo, porém, que foi um erro que cometera.

Esgotado o assunto entra-se na ordem do dia, com a tese

Trabalho de jornal e salário mínimo, ou trabalho de empregado com o preço de mão de obra uniforme em todo o país

Francisco Pincho entende que ele deve baixar a Federação para estudo, porquanto as suas conclusões devem ser ponderadas para depois se fazer a propaganda em todo o país.

Silvério dos Santos acha que, devido à grande importância da tese, ela não poderá ser só estudada por uma simples comissão, ou mesmo pela Federação, por isso julgava que o Congresso a deveria resolver, e tanto mais fácil seria se todos as associações tivessem respondido ao questionário que na devida oportunidade lhes foi enviado.

José Ventura julga ser um assunto bastante escabroso, entendendo que a tese devia ter uma conclusão, de carácter imediato.

Nesta altura é lido um ofício de saudação, com algumas considerações sobre a 3.ª conclusão da tese Desenvolvimento da Indústria Corticeira, do Sindicato Único Metalúrgico, ao qual vem prejudicar sobremaneira a indústria metalúrgica.

Como estava recolhida a comissão para dar parecer sobre a tese em discussão, neste intervalo, o congresso entende que de dar algumas explicações o camarada Joaquim da Silva, que se encontra presente, do S. U. M.

Fala também o congressista Francisco Pincho, que entende dever dar a outra redacção à 3.ª conclusão, ou então eliminá-la, pois que a sua aprovação trará prejuízo para outra classe.

Silvério dos Santos sustenta a doutrina da citada conclusão, apresentando várias razões que alguns congressistas não aceitam.

Foi lido um telegrama de saudação da U. S. O. de Lisboa, suspendendo-se a sessão às 16 horas.

A sessão da noite

Reaberta a sessão às 18 horas, a comissão nomeada para dar o seu parecer sobre a tese e n.º discussão, apresenta um bem elaborado relatório, que conclui com as seguintes resoluções imediatas:

1.º Que sejam aumentados os salários dos corticeiros, tendo em atenção a desigualdade que existe de secção para secção;

2.º Que seja cumprido integralmente o horário das 8 horas;

3.º Que se faça uma propaganda intensiva contra a exploração que ora se faz da mulher e dos menores nas respectivas fábricas;

4.º Que seja estabelecida a obrigatoriedade por parte dos patrões de fornecer a todos os operários as ferramentas indispensáveis ao seu mister;

Nesta altura foram lidos telegramas dos corticeiros de Amora e Seixal, saudando o congresso e a Batalha.

Os membros da comissão justificam o seu trabalho e vários congressistas usaram da palavra condenando o trabalho por empreitada, que torna os operários egoístas, que os estiola e arruína, devendo ser substituído por jornal, menos violento e mais moralizador.

Silvério dos Santos, em nome da comissão organizadora, apresenta uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Aprovar em princípio as duas primeiras conclusões, ficando a Federação incumbida de as pôr em prática quando julgar o momento oportuno, comprometendo-se a classe a acatar as suas resoluções referentes ao assunto;

2.º Formular novas reclamações de aumento de salário para toda a classe, fixando o congresso a importância que se deverá reclamar, ficando a Federação incumbida de dar andamento às deliberações tomadas.

José Ventura enviou para a mesa outra moção, corroborando a da comissão organizadora, concluindo ainda por reclamar para os operários até 3800, 100 % e para os que auferiam salários superiores, 80 %.

Depois de alguma discussão, são aprovadas a tese e o parecer e a moção da comissão organizadora, sendo reprovadas a moção de José Ventura e outras que estavam sobre a mesa estipulando o aumento de salário.

João Manuel Pimentel diz que o aumento de salário a reclamar deve ser igual para todos, pois que as necessidades também são iguais, sofrendo todos a mesma miséria, devido à ganância desenfreada dos exploradores.

Na mesma ordem de ideias, falam Paulino, Francisco Pincho, Carrilho e Mateus.

João Gomes informa que ainda há mulheres que ganham 20 centavos, sendo uma infâmia tanta exploração. Portanto, julga necessária uma propaganda intensiva para se fortalecer a organização, dando-lhe aquela vitalidade de que carece para poder impor-se por uma reclamação perfeitamente explorada.

Após alguns debates mais sobre a forma de pôr em prática as resoluções que dependem dos documentos apro-

A CARESTIA DA VIDA E A QUESTÃO DO INQUILINATO

A União dos Sindicatos Operários realiza hoje, pelas 20 e meia horas, na sede do Sindicato Único das Classes Mobiliárias, Travessa da Água de Flor, 16, 1.º, a quarta sessão do movimento iniciado pela C. G. T. contra a carestia da vida.

Todo o consumidor tem o dever de dar a sua adesão para inutilizar a obra dos gananciosos.

União dos Sindicatos Operários.

Insultos

Não gostamos de ver insultar os que não podem defender-se. Por isso consideramos que insultar um preso é tão imoral como bater-lhe. Ora, A Situação de ontem chamava bandido a José Júlio da Costa. A Situação sabe que esse termo, além de ser insultante, não corresponde à verdade. Mas admitindo que correspondesse, bastava ter em conta as condições em que José Júlio da Costa se encontra, para que não se lhe

UM SINDICATO QUE PROGRIDE

A delegação ferroviária de Beja
Foi inaugurada anteontem

Conforme anunciamos, foi inaugurada, na cidade de Beja, a delegação do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste, acto a que as camaradas daquele importante centro ferroviário imprimiram o maior brilho.

As 12 e 50, estando a sala da delegação completamente cheia de ferroviários e de trabalhadores de outras classes, o camarada Miguel Correa fez ver quanto de útil à causa da classe têm sido os ferroviários da cidade de Beja. Diz que vai ser aberta a sessão solene e inaugurada a delegação, comunicando a assembleia que o dr. Sobral de Campos não pôde seguir para Beja a fazer a anunciada conferência no Montepio Bejense, mas que essa conferência será substituída por uma sessão de propaganda sindicalista. Indica para presidir à sessão o dedicado camarada da delegação Luís de Carvalho, presidente da comissão administrativa, de quem faz o elogio, e a quem elogia a comissão da festa, que tão dedicada e trabalhadora.

Luís de Carvalho agradece a manifestação à comissão administrativa, que mais não tem feito de que cumprir a sua missão e faz o elogio do camarada Frago Amaro, representante da delegação de Casa Branca.

Miguel Correa, num largo e entusiástico discurso, passa em revista todo o trabalho dos militantes ferroviários do Sul e Sueste a sua causa especial e causa geral do operariado. Diz que se sente feliz neste momento com a obra dos seus camaradas de Beja, que tão bem sabem já defender a sua causa, fazendo salientar que essa obra não pretence a este ou aquele, mas é o resultado do esforço de todos.

O homem isolado nada vale, os homens unidos são tudo, e por isso a obra da inauguração da delegação de Beja representa a força destes camaradas e é um grande exemplo.

A seguir todos os presentes se encaminham para a fachada da sede a inaugurar a bandeira da delegação, que no meio de aplausos foi içada pelo presidente da respectiva comissão administrativa.

Ainda Miguel Correa diz que vai nas suas palavras fazer compenetrar os seus camaradas ferroviários da necessidade da sua completa união. Através das tremendas lutas sustentadas pela humanidade e apesar do egoísmo dos homens, alguma coisa de útil se tem conseguido e o homem tem vindo emancipando-se aos poucos dias. Hoje o homem já não é o escravo de outrora, mas ainda é o grande explorado pela burguesia. Alongando-se em considerações interessantes, que a falta de espaço nos não permite acabar.

A assembleia, numa unânime e quente manifestação, saúda o orador e todo o operariado.

Fragoso Amaro diz que como constasse alguma coisa de extraordinário sobre ordens das autoridades de Beja acerca da festa dos ferroviários, foi com outros colegas conferenciou com o governador civil e pediu-lhe que a ele ou algum seu delegado viesse assistir à sessão. S. Ex. agradeceu a consideração dos ferroviários e dispensa-se de comparecer, pois espera que todos se saibam manter com ponderação.

O orador sente-se feliz pela fraternal festa de hoje, mas o que vê ainda não é tudo. Deseja já ver as companhias de todos os ferroviários para assim se irem instruindo nos seus princípios da associação.

Elogia os trabalhos dos seus colegas de Beja, pois são bem palpáveis pelo que se vê e pela sua união e com eles pode contar toda a classe ferroviária. Referente à exploração da mina de carvão de Santa Suzana e diz que, apesar de altas influências querham por entraves a essa exploração, ele há de conseguir-se com a propaganda tenaz dos ferroviários que para tal conseguirem irão se necessário for, até à greve.

Esta grande obra não é só de interesse dos ferroviários, nem de interesse regional, mas de grande interesse para todo o país. Termina por do coração saúdar a Associação de Classe dos Ferroviários do Sul e Sueste, no que é secundado pela assembleia.

José Guerreiro, dos Manufactores de Calçado de Beja, saúda com todo o seu entusiasmo os ferroviários e faz considerações tendentes a demonstrar que a Associação é a nossa mãe, que nos educa o espírito e nos ensina a defender da burguesia, aconselhando a todos que tenham bem patente a frase dum nosso propagandista operário, que dizia: «Trabalhar pela Associação é um dever, desprê-la é um crime».

Gonçalves Correa, com as suas belas frases de idealista, faz uma larga dissertação sobre o sentimentalismo humano e diz que perante as palavras de amor universal se apagava a palavra restrita de pátria. O que queremos é a reconstrução de um facto: a revolução social. Há só um movimento grande e nobre, que será a libertação dos escravos de todo o mundo. É preciso desbravar os cérebros e as arestas dos convencionalismos. Termina com um caloroso viva à humanidade livre, que é calorosamente correspondido.

Venceslau Lopes sente-se regojado pela obra que hoje vê levantar-se, que apesar de vir tarde, ainda vem a tempo. É preciso semearmos para colhermos e não continuar a semente para os outros colherem. Saúda com todo o entusiasmo os ferroviários.

Francisco Cristo, em nome de A Batalha, tem palavras de louvor e incentivo para os ferroviários do Sul e Sueste, dizendo que eles bem têm compreendido e auxiliado a obra de propaganda do porta-voz das classes trabalhadoras. Fez ver qual deve ser a missão das Associações de Classe e a necessidade que elas têm de educarem os seus associados e seus filhos, terminando por saúdar o operariado bejense, que nesse momento fez uma quente manifestação a Batalha.

Fragoso Amaro, usa novamente da palavra, fazendo louvores à imprensa operária e a Luís de Carvalho pela sua obra a favor dos seus camaradas ferroviários de Beja, e abraça-o, abraçando assim todos os ferroviários. Re-

fer-se a Miguel Correa, como devoto e sincero militante ferroviário, a quem abraça, o que provoca um indiscutível entusiasmo nos assistentes.

Miguel Correa, diz que tanto ele como os outros dedicados militantes, não têm feito senão cumprir um dever. Faz em resumo um apelo às palavras dos oradores e diz que a despeito de toda a alegria de hoje, há o triste facto do ferroviário de Beja, Beirão, ter ido trair os rurais, devendo esse homem merecer a repulsa de todos os trabalhadores de Beja.

Francisco Moreno, ferroviário, encontra-se cheio da maior satisfação pelas palavras de todos os oradores e saúda não só os presentes, mas também os seus camaradas que por motivo de serviço estão ausentes.

O camarada presidente encerra a sessão às 14 e 30 no meio de frenéticos aplausos, da assembleia sendo em seguida servido aos oradores um dedicado copo de água.

No Montepio Bejense

Às 15 horas todos os ferroviários e delegados das outras classes se dirigiram para a estação do caminho de ferro, a esperar o camarada redactor principal de A Batalha, que ao aparecer é abraçado e saudado por todos os camaradas.

Da estação todos seguiram para a sede da delegação e em seguida para a sede do Montepio Bejense, ainda em construção, onde na sua vasta sala já apinhada de trabalhadores se vai realizar a sessão de propaganda.

Às 16 horas o camarada Miguel Correa, subindo ao estrado, diz que como prova de solidariedade para com os trabalhadores de Beja, indigna para presidir à sessão o camarada Manuel Florita, da U. S. O., e para secretários os camaradas Manuel Mira, dos Correios e Telegrafos, e António Augusto da Costa, dos ferroviários. O presidente, apesar de alegar a sua falta de competência, aceita de bom grado a sua nomeação.

Miguel Correa, que é o primeiro a falar disserta largamente sobre a forma como se tem agitado patrioticamente o nosso povo e define qual a forma dessa agitação. Para que a nossa raça se saiba impor é preciso que saiba acompanhar das manifestações do progresso. Não está de acordo com os elogios que se fazem pelos feitos heroicos de outrora, pois esses feitos foram, em regra, de banditismo em África, na Índia, etc., escravizando outros povos. Para nós, portugueses, a heróicidade dos nossos antepassados não deve merecer aplausos, porque representam actos de vandalismo, entendendo que o povo português deve impor-se à admiração do mundo, mas do mundo proletário. Dizem os governantes que querem que Portugal seja um povo livre, com o que está de acordo, mas essas afirmações são astuciosamente feitas, porque não representam a verdade do seu procedimento. Mas se o povo é soberano, para que é que a esse povo quando age na praça pública, o procuram subjugar? É assim, porque depois de colocarmos no poder os homens que nos chamaram à revolta, entregamos as armas e deixamos-nos subjugar por esses homens. Refere-se à ganância dos de cima, que provocaram a guerra mundial, do que resultou a guerra proletária e o despertar do povo já numa parte do mundo, que pegou em armas para a guerra de emancipação. Hoje em Portugal já toda a gente conhece os efeitos da guerra, mas ainda desconhece os factos de carácter social que se estão produzindo por todo o mundo e a escravidão imposta pelos de cima.

Fragoso Amaro diz ser a primeira vez que fala em público e fala para tratar da importante questão da falta de combustível, que pode originar a paralisação da vida nacional. Esta falta pode ser remediada, se os governantes que tanta energia têm para reprimir os operários, saibam agir contra a alta finança, que já se move contra a exploração da mina de Santa Suzana. Referente à reunião dos agricultores em Vila Franca de Xira, onde se tratou do aumento dos seus negócios, da amnistia, etc., mas onde não houve sequer uma leve referência à exploração do jazigo carbonífero de Santa Suzana. Mas essa exploração há de fazer-se pela pressão da classe operária e pelo menos por intermédio dos ferroviários, que para tal conseguirem irão até à paralisação dos comboios. Se o serviço dos comboios é péssimo não é por culpa do pessoal, mas dos dirigentes. Propõe que se envie ao chefe do Estado um telegrama, mostrando-lhe a necessidade imediata de explorar a mina de carvão, o que é aprovado no meio de aplausos.

José Guerreiro Cambado, manufatureiro de calçado, entende que a exploração da mina de Santa Suzana interessa a todo o povo e é preciso que todos secundem o nobre gesto dos ferroviários.

É com o máximo prazer que assiste à fundação da delegação dos ferroviários de Beja, pelo que os saúda.

Gonçalves Correa, que como os anteriores oradores é recebido com entusiasmo pela assembleia, diz que o operariado não deve reunir só para procurar fazer a felicidade de uma região, de um país, mas de toda a humanidade e nada se pode conseguir sem bem se definir a palavra razão. Escreve-se e diz-se que a liberdade não pode ser um facto na humanidade, mas essas palavras são capciosas. Faz largas considerações sobre o que deve ser a igualdade e como os burgueses a procuram interpretar, enganando os trabalhadores. Tem um desejo indomável no futuro da revolução social, pois que os homens aproveitando colectivamente os progressos da maquinaria, não de desenvolver todas as riquezas do nosso solo e o trabalho há de tornar-se agradável e não penoso. Disserta largamente sobre o que será a sociedade futura e para conseguir essa grande obra necessário se torna o trabalho constante, correto e enérgico de todos os trabalhadores manuais e intelectuais.

Alberto Rosa Lucas, da Juventude Sindicalista de Beja, diz que a juventude está ao lado dos ferroviários.

Francisco Moreno, em nome da delegação dos ferroviários de Beja, agradece a todos os oradores e a todos os presentes o brilho dado a esta sessão, refere-se elogiosamente a Batalha e à sua utilidade e lembra que todos a defendam, propondo que se faça umaquete em favor dos presos por questões sociais e da Batalha, o que foi aprovado.

A sessão terminou às 20 horas no meio de gerais aclamações aos ferroviários, aos trabalhadores bejenses, ao operariado mundial, à C. G. T. e a Batalha. A quele rendeu 25500 escudos.

O telegrama que foi enviado ao presidente da república foi assim redigido:

O povo de Beja reúne em sessão pública o fim de inaugurar a delegação, nesta cidade, do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste, secundando a iniciativa da mesma classe, reclama a interferência de v. ex. para a exploração imediata da mina de carvão de Santa Suzana, grande riqueza nacional a aproveitar. O presidente da sessão, Manuel Florita.

Fizeram-se representar nas duas sessões a U. S. O., Manufactores de Calçado, Construção Civil, Rurais, delegação dos Correios e Telegrafos, Juventude Sindicalista de Beja, Trabalhadores Rurais de Penedo Gordo, Associação dos Ferroviários do Sul e Sueste, delegações de Casa Branca e Faro e Juventude Sindicalista do Barreiro.

Fizeram-se representar nas duas sessões a U. S. O., Manufactores de Calçado, Construção Civil, Rurais, delegação dos Correios e Telegrafos, Juventude Sindicalista de Beja, Trabalhadores Rurais de Penedo Gordo, Associação dos Ferroviários do Sul e Sueste, delegações de Casa Branca e Faro e Juventude Sindicalista do Barreiro.

Fizeram-se representar nas duas sessões a U. S. O., Manufactores de Calçado, Construção Civil, Rurais, delegação dos Correios e Telegrafos, Juventude Sindicalista de Beja, Trabalhadores Rurais de Penedo Gordo, Associação dos Ferroviários do Sul e Sueste, delegações de Casa Branca e Faro e Juventude Sindicalista do Barreiro.

Correios e Telégrafos

Um exemplo

Está sobejamente provado que a atmosfera opressiva que ora se respira dentro dos correios e telégrafos, atingiu as proporções descomunais da intolerância. Mas isso não constitui no presente momento um caso esporádico.

As perseguições que em toda a parte se vêm movendo às classes trabalhadoras, são de molde a fazer-nos pensar imediatamente nas suas causas e nos seus efeitos.

Na França, onde os próprios governos, há uns vinte anos a esta parte, se tem rotulado de liberais e consequentemente tem escrito nos seus programas rasgadas reformas sociais, mesmo a hoje se tem oprimido aqueles que, embora serventários do Estado, já se acham envolvidos numa nova ideologia social que tende a transformar a actual estrutura da sociedade.

Assim, o sub-secretário do Sindicato Nacional dos Correios e Telégrafos e Telephones, camarada Rouanet, foi processado como funcionário, por numa reunião da sua classe ter afirmado que é impossível sair-se do caos económico agravado pela guerra, sem se proceder a uma transformação radical na presente organização social.

Estas afirmações, segundo a atitude do sindicato, são a expressão unânime das aspirações de todos os empregados dos C. T. da França.

Disse ainda que a Revolução não se deve realizar bruscamente por alguns decretos, mas deve ser a sequência do nosso esforço contínuo, inspirados todos sempre por uma acção imediata de possibilidades.

Por estas apreciações tam p'ónicas, como todas as doutrinas que se fundam na resignação humana, Millerand, o defensor dos ferroviários de 1894, o combatente ardoroso que estigmatizou com frases candentes a reacção francesa, promove, para glória dessa mesma reacção, um processo que, estamos certos, não levará a efeito, porcu a acção decidida dos nossos camaradas franceses, não o consentirá.

A guerra que ali se move à organização sindical, os camaradas franceses tem-lhe respondido com uma resistência digna de elogio.

Por isso, nós devemos encetar toda a série de perseguições e felonias que os neo-inquisidores telégrafo-postais queiram por em prática, com a coragem e confiança que assistem aqueles que defendem um ideal nobre.

Não desanimemos, pois. Para nós, que vegetamos como ilotas, quanto pior, melhor. Ponhamos, entretanto, os olhos no que está sucedendo na França e não desanimemos que o futuro pertence-nos.

Três FIXES

para que se faça a exploração da mina de Santa Suzana, porque é uma grande riqueza e necessidade nacional. Diz que a juventude tem sofrido largas perseguições e calúnias, preparadas por os seus reaccionários, mas apesar de toda a luta de continuar no seu labor para educar os que serão militantes operários de amanhã. Para para que todos os jovens se filiem na juventude e saibam os ferroviários.

Francisco Cristo, em nome de A Batalha, diz que pouco depois dos belos discursos de ensinamento dos oradores anteriores, fazendo demonstrar que a alta missão da imprensa operária e a necessidade de todos os trabalhadores sustentarem o seu órgão, facto que iluminará o cérebro dos que trabalham.

António Peixe encontrava-se acidentalmente em Beja, sua terra, e não tinha tempo de falar, mas como lhe contou que contra ele se movem perseguições, declara que não se teme e para isso prova uma da palavra, pois seria um crime nesta ocasião conservar-se silencioso perante os seus contrários. Pouco poderá dizer depois dos belos discursos dos seus camaradas. Conhece os ferroviários do Sul como democráticos e políticos, mas agora é uma classe que está na vanguarda do movimento operário. Foi o movimento da carestia da vida, em 1913, que levou muitos militantes às prisões e também os ferroviários, que den em resultado despartidos para a vida social. Refere-se largamente ao facto dos governantes o indicarem como terrível agitador e nesse sentido explica a sua atitude e demonstra qual é a psicologia dos trabalhadores bejenses, especialmente dos rurais, que mesmo quando ainda não estavam associados já sabiam tratar das suas reivindicações.

Alonga-se em considerações sobre o que será a revolução social, que vê próxima e como se deve operar.

Felicita-se e felicita o proletariado de Beja por ter acordado para a luta sindical.

Manuel Moreno felicita os ferroviários pela sua organização e pelo seu trabalho em prol da exploração da mina de Santa Suzana.

Manuel Mira, dos correios, felicita os ferroviários e espera que a sua classe num futuro próximo lhes siga os exemplos.

Francisco António Moreno, em nome da delegação dos ferroviários de Beja, agradece a todos os oradores e a todos os presentes o brilho dado a esta sessão, refere-se elogiosamente a Batalha e à sua utilidade e lembra que todos a defendam, propondo que se faça umaquete em favor dos presos por questões sociais e da Batalha, o que foi aprovado.

A sessão terminou às 20 horas no meio de gerais aclamações aos ferroviários, aos trabalhadores bejenses, ao operariado mundial, à C. G. T. e a Batalha. A quele rendeu 25500 escudos.

O telegrama que foi enviado ao presidente da república foi assim redigido:

O povo de Beja reúne em sessão pública o fim de inaugurar a delegação, nesta cidade, do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste, secundando a iniciativa da mesma classe, reclama a interferência de v. ex. para a exploração imediata da mina de carvão de Santa Suzana, grande riqueza nacional a aproveitar. O presidente da sessão, Manuel Florita.

Fizeram-se representar nas duas sessões a U. S. O., Manufactores de Calçado, Construção Civil, Rurais, delegação dos Correios e Telegrafos, Juventude Sindicalista de Beja, Trabalhadores Rurais de Penedo Gordo, Associação dos Ferroviários do Sul e Sueste, delegações de Casa Branca e Faro e Juventude Sindicalista do Barreiro.

As greves

Chauffeurs

Reuniram ontem em conjunto, tendo tomado conhecimento de mais adesões, especialmente de casas particulares.

A assembleia votou por unanimidade uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Nomear uma comissão que procure o sr. presidente da Câmara Municipal de Lisboa, para que seja representado a este senhor a necessidade urgente da organização de uma tabela em harmonia com os novos aumentos do custo do material e combustível, para o bom funcionamento dos autos de praça.

2.º Que a nova tabela seja feita com a colaboração das associações interessadas (Associação de Classe dos proprietários de autos de praça e Associação de Classe dos Chauffeurs em Portugal).

3.º Que a comissão faça público que os chauffeurs não tem interesse em que o público seja lesado, mas sim unicamente defendem o direito à vida que lhe é garantido pelas leis da sociedade, não se importando portanto de trabalhar com tabelas aprovadas pela Câmara Municipal logo que sejam garantidos os interesses do público, dos proprietários dos autos e dos chauffeurs.

Hoje reunem em assembleia conjunta, pelas 20 e meia horas, devendo comparecer todos os chauffeurs.

Corticeiros de Belém

Continua sem solução o conflito da casa Paiva & Irmão, Limitada.

Como tinha ficado assente ter a comissão hoje uma entrevista com o industrial e como não apareceu este, enviando em seu lugar o filho com uma resposta desagradável, pois dizia querer fechar a fábrica, a comissão lembra mais uma vez aos seus camaradas para não irem trair a sua causa, visto que a referida resposta não passa dum truque visavisa para os operários ao regime da fome.

Estes operários esperam também o auxílio moral e material dos seus camaradas.

Reunem amanhã em assembleia magna, pelas 20 horas.

Pessoal da Casa da Moeda

Da Comité recebemos a seguinte nota:

Está em via de solução a greve deste pessoal, devido às dimensões da comissão de melhoramentos, estando apazada para breve uma conferência com as entidades que superintendem nos serviços deste estabelecimento a fim de se acordar na maneira mais viável para por termo ao conflito.

O comité saúda o pessoal pela sua firmeza e aconselha persistência pois a vitória é certa e honrosa.

Pessoal da Imprensa Nacional

Mantém-se o movimento do pessoal deste estabelecimento do Estado, tudo indicando que terá brevemente a sua solução.

A última hora chegou-nos a notícia que o conselho de ministros, que reuniu às 23,30 de hoje, se ocupou das reclamações dos grevistas, apreciando o projecto criador de receitas elaborado pelo director da Imprensa e pela comissão do pessoal.

Pessoal dos eléctricos

A greve mantém-se inalterável, parece que não se tratando durante o dia de ontem de procurar-lhe solução.

Ferrovários do Vale do Vouga

Recebemos da Arcada a seguinte formação:

«Em consequência da comissão delegada do pessoal dos caminhos de ferro do Vale do Vouga, que ultimamente esteve em Lisboa, não vir munida de plenos poderes para tratar com o ministro do comércio da solução do conflito suscitado entre o mesmo pessoal e a companhia, não puderam concluir-se as negociações feitas naquele sentido. A comissão partiu para o norte a fim de expor aos seus camaradas o estado das negociações e pedir que lhe confirmem os poderes necessários para tratar do assunto, devendo voltar por estes dias a Lisboa. Também partiu para o norte o engenheiro do ministério do comércio sr. Amorim Ferreira, a fim de tomar directamente conhecimento do fundamento das reclamações do pessoal do Vale do Vouga e das alegações da Companhia».

Juventudes Sindicalistas

U. J. S. P. — Comissão pró-p'essos. — Reunem hoje esta comissão para tratar de assuntos de grande importância devendo comparecer todos os camaradas.

Núcleo Metalúrgico. — São convidados a reunir hoje pelas 21 horas, os componentes da comissão administrativa juntamente com o S. U. M. Pede-se a comparencia de todos os camaradas.

Núcleo da Indústria Mobiliária. — Reunem a comissão organizadora, resolvendo convocar a assembleia geral para hoje pelas 21 horas, devendo comparecer todos os camaradas, pois é a segunda convocatória e o tratamento de assuntos de importância, convidando-se a comparecer hoje, pelas 20 horas, o camarada Raul Vaz.

Núcleo da Construção Civil. — Reunem a comissão organizadora da assembleia geral do mesmo que se realiza hoje, pelas 21 horas, pedindo-se a comparencia de todos os jovens da construção civil, sócios e não sócios.

Núcleo Central. — Reunem hoje pelas 20 horas, as comissões administrativas, propaganda, e delegações a U. J. S. P. Pede-se a comparencia de todos os membros em virtude da importância dos assuntos a tratar.

Núcleo das Artes Gráficas. — A fim de tratar um assunto de máxima importância para a vida deste núcleo, convidam-se todos os jovens que compõem a comissão administrativa a comparecer na sede, amanhã, pelas 20 horas.

Convidam-se também os camaradas Guilherme dos Santos, secretários, rio adjunto, e os delegados ao Congresso, José dos Santos, Raimundo e A. Ramos, e todos os camaradas que tiverem de prestar contas das quotas pré-condenados pelo tribunal eleitoral.

Candeias a casa que em Lisboa vende Calçado mais barato Intendente Defronte do chafariz

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal. — Reunem hoje o Conselho Central para tratar de assuntos da máxima importância.

Na próxima sexta-feira reunem as direcções dos Sindicatos Gráficos para resolver sobre assuntos que se relacionam com o comité administrativo da sede gráfica.

Sindicato 11-100 Metalúrgico. — Reunem hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa, convidando-se a comparecer todos os seus membros, assim como os camaradas que ultimamente foram eleitos para a Caixa de Solidariedade.

Devem igualmente comparecer a esta reunião os cobradores que deixaram a cobrança e que se debatem com o Sindicato assim como o sindicato José Maria Esteves. Sindicato Unico da Construção Civil. — São convidados todos os camaradas sócios desta entidade a reunir hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, na sede central do Sindicato, em Belém, Alto do Pinheiro, e Oliveira, e Charneca com o seguinte ordem de trabalhos: Discutir e resolver o assunto, para o qual foi distribuída a circular aos sócios.

A esta assembleia não devem faltar os camaradas concorrentes, pois que da mesma dependa o seu ou a morte deste sindicato.

Para assunto que se prende com a assembleia geral, são convidados a reunir hoje, pelas 10 horas com o secretário geral os seguintes camaradas: José Maria Esteves, Gomes, Alfredo Cruz, Carlos Goncalves, José Francisco, João Miranda, Francisco Santos, Cruz, António Brás, Francisco Pedro, José António Matos, João Jorge e João Caldeira.

Secção Profissional dos Pedreiros. — Para assunto de urgência são convidados a reunir hoje os componentes desta Secção.

Comité Unico Mobiliário. — Conselho técnico e melhoramentos. — Segundo as resoluções da última assembleia, em conformidade com a proposta apresentada por este conselho, desde já se devem criar comissões por frentadas, devendo esta instituição pedir o trabalho em horas suplementares, para o que contribuirão todos os camaradas concorrentes.

Comissão administrativa. — Esta comissão aprova que mais uma vez o cobrador G. Hermínio Anselmo seja o responsável do débito e do respectivo pagamento, devendo a comissão convidar a comissão nomeada para este efeito a comparecer hoje.

Não podendo esta comissão fechar as suas contas referentes à última contribuição, a batalha, por ainda alguns camaradas não terem entregue as respectivas listas, convidam-se os seus portadores a fazer a sua entrega o mais breve possível.

Escolas móveis

Foi revogado o decreto que precatava que os candidatos de menor idade ao exame de habilitação para professores das escolas móveis apresentassem, juntamente com o requerimento, certificado de emancipação. O diploma que revoga aquele decreto pertence a este órgão, e a todos os indivíduos que completarem 19 anos de idade até 31 de dezembro do ano em que prestarem provas.

Foi para o Diário do Governo a lista dos jurados do exame de habilitação para o magistério primário nas escolas móveis que se realizou na actual quinzena nas escolas primárias de Santa Cruz, Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Lisboa, Porto, Viana do Castelo e Vila Rica.

Operários dos arsenais

As comissões de melhoramentos do pessoal dos Arsenais do Exército e da Marinha foram recebidas esta madrugada pelo presidente do ministério, que declarou achar justas as reclamações de aumento de salário do referido pessoal, e indicou que deviam procurar o ministro da marinha, entidade que melhor conhecia o assunto.

VIDA ANARQUISTA

Centro Comunista de Lisboa. — Reunem hoje pelas 21 horas s. com. s. com. administrativa e de propaganda no Centro Comunista de Lisboa, na Calçada do Combro, 58, A, 2.º.

22, Largo de S. Julião, 23 Rua Nova do Almada, 1, 3 a 7 LISBOA

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C.ª L.ª

Telex (fones central) 2778 e 3478 gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os officios Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro, latão, zinco, chumbo e arames diversos Carris, vagonetas e todos os pertences de materi. l. Decauville

22, Largo de S. Julião, 23 Rua Nova do Almada, 1, 3 a 7 LISBOA

Companhia de Papel de Gois

Ponte de Sotam-Gois

FABRICA toda a qualidade de papeis de embrulho, sacos, cartuchinhos, manteigueiro, costaneiras, almagos, coquiles, escrita, impressão, assetinados, capas e carta, bem como papeis de fabricação especial

Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS, L.ª

52, Cais do Sodré, Lisboa—Telefone C. 4. 317 10, Rua da Nova Alfindega, Porto—Tel. 2.19

Defronte do chafariz

Ultimas notícias

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Divisão de Via e Obras

Tarefa n.º 168

Fornecimento de 80.000 travessas de pinho nacional, com as dimensões de 2,50 x 0,20 x 0,14

Depósito provisório 100000

No dia 16 de Agosto p. l., pelas 15 horas, na estação central de Lisboa (Rossio), perante a comissão executiva da Companhia Caminhos de Ferro Portugueses, foram abertas as propostas para o fornecimento de 80.000 travessas de pinho nacional, com as dimensões de 2,50 x 0,20 x 0,14.

As propostas que poderão ser feitas em ou mais lotes serão entregues à Direcção Geral da Companhia, estação de Lisboa (Santa Apolónia), com a indicação exterior no sobrescrito: PROPOSTA PARA O FORNECIMENTO DE TRAVESSAS DE PINHO NACIONAL, composto de uma fórmula seguinte: «Declaro que sou autor de uma proposta para fornecer à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, um lote de travessas de pinho nacional, com as dimensões de 2,50 x 0,20 x 0,14, pelo preço de...»

A classe rural é a base do estado polaco e deve prestar largamente socorro à pátria. A Polónia deseja a paz, mas uma paz honrosa, e por isso antes que uma tal paz possa ser assinada, todos os camponeses devem cumprir o seu dever para com a pátria. Anuncia-se a partida de Lord Dabernon e do sr. Jussuran, e é provável que o general Viogrand fique na Polónia na qualidade de conselheiro geral do exercito polaco.

Varsó